

A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor:

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

Director:

ALCINDO DIAS PEREIRA

VITORINO SIMÕES LOPES SAMPAIO

Redacção e Administração: Rua 31 de Janeiro, 165—Composto e impresso na Tipografia MINERVA VIMARANENSE: Rua 31 de Janeiro — GUIMARÃES

REGIONALISMO

No Congresso Municipalista Minhoto, onde se salientou pela ausência e censurável desprêso pelas questões ali debatidas, a edilidade municipal de Guimarães, foi frisado, por vários congressistas, o problema do regionalismo.

Era o momento oportuno para Guimarães se fazer ouvir e traçar claramente a importância da sua zona e fazê-la entrar em linha de conta na determinação das características regionais.

Não o entenderam porém assim aqueles que por imposição de quem manda e contra a manifesta vontade da população vimaranense se repoltreiam vaidosamente nas cadeiras municipais.

E assim é que as conclusões a que vai chegar-se no fim do Congresso vão certamente ter em pouco apreço o maior e melhor centro industrial e agrícola da região. E se nos é dado presupôr que o resultado desta assembleia geral dos municípios há-de originar medidas de largo alcance para o fomento, para o progresso da região, maior é o nosso pesar, mais aumenta a nossa revolta, a nossa repulsa contra quem esquece de maneira tão repugnante os interesses de Guimarães, cuja defesa constitui um dever sagrado de todos aqueles a quem está confiada a nau municipal.

Quem responde amanhã pelos prejuizos que nos hão-de advir de não terem sido devidamente atendidas as características dêste lindo e fértil recanto do Minho? A quem havemos de pedir contas da falta de medidas proteccionistas que certamente vão ser solicitadas e obtidas como consequencia imediata das tratativas do Congresso?

Não é certamente a Comissão organizadora do mesmo que em um esforço digno de todo o louvor conseguiu realisá-lo, nem aos representantes dos vários municípios e demais congressistas que dentro da natural lógica do justo critério concluíram das promissas apresentadas.

E' sim aos que administram Guimarães, que os filhos desta nobre cidade têm todo o direito de exigir a responsabilidade inteira, indeclinável, por tudo quanto se está a passar e que já hoje provoca gerais censuras, justíssimas recreminações.

Do Congresso não resultarão tantos efeitos salutares como seria para desejar, dirão os incrédulos.

Mas a verdade é que êsse feito ressalta nitido, claro, indiscutível — o estabelecimento da região minhota, definido com todas as suas características. E' o problema importantíssimo do regionalismo que vai ter uma solução, para a qual não é ouvida, por culpa dos seus governantes, a zona de Guimarães.

Diz-se...

Que pela Direcção dos Bombeiros das Taipas não foi ainda paga a conta do automovel para transporte da policia àquella localidade, a requisição da mesma Direcção, apesar de instada para isso.

Que certo individuo procurou saber se o Comandante dos Bombeiros das Taipas foi representar aquella corporação nas festas dos Voluntarios da Invicta para o processar e que, por

isso lhe foram feitas referencias pouco agradaveis.

Que se estão activando os trabalhos de ligação da água para os lavadouros públicos das Taipas afim de regar os cereais que se encontram a secar pela grande quantidade de estrume que levaram das retretes da povoação.

Que dois empregados da Camara, nas Taipas, andam constantemente aos peixes com o trauliteiro, perdendo quasi dias inteiros.

Que a *D. Economia* depois de ter dotado Guimarães de melhoramentos de tanta utilidade — conclusão das obras do Castelo; intensificação das do novo edificio camarário; passeios a mosaico; aumento de luz; compra de terrenos expostos á sombra para casas económicas; melhoramento dos serviços do posto médico; monumento-mictório, etc. — resolveu parar, considerando que é melhor não fazer nada, do que fazer asneiras.

Que a *D. Economia* e colegas ficaram tão radiantes com os elogios contidos na "carta-aberta" que resolveram continuar impavidamente a sua brilhante carreira administrativa, mesmo que a abelha mestra vá para outro cortiço em Matozinhos.

Que a Repartição de Obras da Camara, tem grande responsabilidade na vedação do caminho velho da Penha, ali ao Carvalhal.

Que perante tal atentado contra as regalias dos visitantes da Penha, também se não justifica a criminosa atitude de indiferença das entidades a quem estão confiados os destinos daquela formosa estância.

Que quando certo *irmandadeiro* da Penha, muito nosso conhecido, fez parte da Mesa, muito dinheiro desapareceu sem que se applicasse em melhoramentos naquele local.

Que um telegrama de Braga, andou de mão em mão (como as pombinhas da *Catrina*) até que foi parar a casa do *mentor Joãozinho*.

Que a recepção do mesmo fez com que alguns dos *mais desafinados musicos da desafinadissima* filarmónica vimaranense, resolvessem fazer-se representar na Bracara Augusta.

Que houve grande anciedade em saber qual dos *patos mudos* foi miraculado, transformando-se em papagaio.

Que a tese apresentada tinha o pomposo titulo de "Dão-se coisas em Guimarães, que se não davam no tempo em que os animais falavam".

Que o *pato mestre* já pode aparecer sem receio e continuar sem fala.

Que a *D. Economia* agradeou a atitude dos lavradores que, se-

TELA DE SAUDADE

(NA MINHA TERRA)

Alonga-se o olhar e o que se vê distante?
A natureza stoica a rir como um gigante!

No cimo do citeiro olhai a capelinha,
Tam linda e com a cara algente e lavadilha,
Que tôda a gente ao vê-la diz que faz lembrar
Uma Virgem que espera o noivo p'ra casar!...

Eu já ouvi alguém dizer que essa capela
Se levantara ali duma fulgente estrela,
Que uma noite tombou serena, num sorriso,
Tôda desfeita em luz, da luz do Paraizo!...

Fumegam os casais dos rudes lavradores,
Corre a brisa a beijar as pétalas das flores!
No verde salgueiral delira um rouxinol!
Que esplendoroso está o velho loiro sol,
O criador eterno, o deus fecundador!...
Em cada raio vibra a perfeição do amor.

Chega até nós um som de música canora:
E' na devesa ao fundo uma velhinha nora
Tocada por um boi, nostálgico e pachorro!...
Na montanha, de pé, no mais agudo morro,
Um zagal toca flauta enquanto que as ovelhas
Pascem com lentidão!... Miriades de abelhas
Zumbem a escarlar as pétalas bravias!
Um arroio de prata, em doces melodias,
Coleia-se a beijar a relva verdejante!
Na terra lavradia um bando chilreante
De passaros procura a fresca sementeira!
Na margem dum prêsa, airosa lavandeira
Bate a roupa de linho e trila umas cantigas!
Nas leiras e trigais morenas raparigas
Sacham a terra sêca e mândam ervas ruins!...
Lá longe, quasi já nos pondam os fins
Da vastidão florida, um grupo de crianças,
Num arco-iris d'amor e d'úlcidas esp'ranças,
Corre numa «rodinha» a rir co'as mariposas!

No ar que se respira há uma fragrância a rosas!

DELFINO DE VIMARANES.

gundo consta, deixaram de concorrer ao mercado de gado em sinal de protesto pela modificação do imposto respectivo, porque é sua opinião que a carne deve embaratecer com êste expediente.

Que a última sessão da Comissão Administrativa da Camara, foi presidida por individualidade que acidentalmente se encontra neste concelho por motivo de doença.

Que foi assombroso o discurso do representante na sessão inaugural do Congresso Municipalista do Minho.

Que a *D. Economia* anda muito apreensiva com as manifestações de entusiasmo que está dando causa a sua grandiosa obra, sabiamente delineada pelo *mentor Joãozinho*.

Que não se percebe bem a razão porque os negociantes de

ferragens foram condenados a multa pela reclamações feitas colectivamente ao snr. Ministro das Finanças e o não foram os snrs. grandes industriais que o fizeram pessoalmente.

Que os membros da Comissão Administrativa não se entendem nas ordens que dão e que cada um puxa para seu lado desesperadamente.

Que á sessão de 4.ª feira passada não compareceu a *D. Economia* e que, por tal, aquella teve um quarto de hora de dura.

Que há *individuos* sem vergonha e que depressa esquecem a triste figura feita no passado, dando-se ares de ricos, oferecendo almoços, desobedecendo aos seus superiores e representando até papeis de... *espião*

Este número foi visado pela Comissão de censura.

Respeitoso protesto

O homem beneficente é sobre a terra um agente da Providência. A bondade, que em si o homem apregoa tanto, e que, afinal, tão raramente possui, é uma flor cujo perfume é duma beleza sem igual...

Não há ninguém que não admire a bondade; não há ninguém que não louve e adore a beneficência!

Quando a bondade estende sobre a pobreza o aureo manto da beneficência, o indigente sente-se rico, — porque esta pulveriza a necessidade...

E' pobre, sim, e desgraçado, aquêle a quem a ambição não cessa de encher a cabeça e avasalar o coração.

A ambição é como o horizonte: este recua à medida que se avança! Deus nos livre de delinear-mos o campo da ambição: faz desaparecer a beneficência, mesmo nas personalidades cuja missão é benfazer na terra! Um padre, um bispo, um papa, cegos pela ambição, chegam, eles mesmos, até ao crime de afrontar a beneficência entre o... seu rebanho! Apesar da pobreza voluntária ser a jurada virtude dos

clerigos de pequena ou grande categoria, a ambição mina-lhes por tal forma o carácter que eles não se designam de atropelar a beneficência pública, onde quer que ela exista. Estas considerações são um protesto formal e enérgico; e, por isso, rogamos aos nossos leitores a sua máxima atenção, e, aos poderes públicos, — que respeitamos sobremaneira — pedimos providências salutaras.

Há quem se ufane de exercer e possuir muita relegião e, Santo Deus! a ambição é, no entanto, um terrível veneno a corroer-lhe a alma!

.....
Vislumbra o povo de Guardizela a criação dum *azilo* para indigentes na residência parochial, já superiormente cedida à junta de freguesia pela quantia de 5.100.000.

Pois há quem, vampiricamente, ande trabalhando na sombra para chamar a si aquela pertença da junta, em manifesto e ambicioso desprezo pelo interesse colectivo local!...

Sabemos que é já exímio o respectivo trabalho de *sapa*, e que a disfarçada alevisia tenta vingar, em benefício duma tão monstruosa ambição pessoal!

Mas...

Nós, respeitadamente, e com a energia de quem defende uma boa causa, — a beneficência — vimos pôr de sobreaviso a quem de direito, que nobremente saberá romper sem dó, a trama repelente da ambição!!

A ambição é muito má conselheira, ó dignas autoridades portuguesas; e, como a moralidade orienta actualmente os destinos desta Patria, nós esperamos que o povo de Guardizela triunfe nos seus tão nobres designios. Não acreditamos que, sob os auspícios dos magnates desta situação, se venha a consumir uma tão avara prepotência pessoal, que, se pode locupletar um individuo de sentimentos plutocratos, trazia a uma freguesia inteira, — a par duma afronta descaravel e duma alevisia inominavel, — a perda rapacissima duma pertença colectiva que, assim, se inutilisaria de vez por uma anceiada e tão salutar munificência local.

Aqui fica o nosso brado e a consciência tranquila do nosso dever cumprido. Aqui deixamos expresso — vibrante e clamoroso — o nosso leal, instante, triste, persistente e respeitoso protesto!

Seja-nos êle permitido em nome do bem-comum, que a todos urge estabelecer, zelar, engrandecer e respeitar.

De Guimarães ao Gerez

Uma interessante viagem de estudo promovida pelos alunos da Escola Industrial e Commercial de Francisco de Holanda — Belezas do Alto Minho — Agrádavel surpresa — Como o Gerez recebe os seus visitantes — Um ótimo serviço de hotel.

Estudar é saber, diz algures o velho alfarrábio. E, sob os auspícios do sisudo dito, lá fomos nós os rapazes daquêlê estabelecimento de ensino, respirar ao perto as puras brisas gerezianas.

Foi no passado dia 17. A partida devia sêr, e foi do Tournal.

Manhã em fora, pôs-se em movimento a excelente camionete da empresa Neves & C.ª, via Taipas, Póvoa de Lanhoso...

Houve a primeira paragem junto ao histórico alcácer daquela pitoresca vila. O pouco tempo de que podia dispôr-se evitou o justo prazer duma visita às suas pedras seculares que, com fidalga sobrançeria, evocam lá do alto o seu grande passado.

Continuando pois, tomamos um pouco adiante a estrada de Vieira que em seguida deixamos pela de Caniçada.

Estreita e perigosa, a estrada vai, em súbitos contornos, zigzagando pelas bravias faldas da montanha. Ao fundo corre no seu leito, uma longa e turtuosa garganta que simultaneamente inspira admiração e terrôr, um riosito escasso.

Em frente destaca-se um como que resfolegar de cêrro montanhão. Há neste conjunto, um tódo bordado aqui e além de alvacentas casitas, uma beleza apoteótica.

Chegados a Vilar da Veiga — há ali duas pontes curiosas — fomos de longada ao Santuário de S. Bento, o velho milagreiro. Velho, como quem diz...

Nada ali se encontra de interessante além de muita luz e muitos peregrinos que, em romagens longas, cumprem promessas, satisfazem devoções no decorrer de tódo o ano. Retrocedendo, voltamos a Vilar da Veiga para tomarmos a estrada do Gerez.

A's onze horas, minuto a mais, minuto a menos, chegamos aquela estância de águas para a figadeira. Surpreendeu-nos a beleza silvestre do lugar que, com o seu formoso riacho, está engravado entre os gigantes cimos de Leonte e Pedra Bela.

Notamos um certo ar hospitaleiro nos seus habitantes, uma surpresa agradável na colónia aquista.

Após algumas visitas — o Parque Tude de Sousa é um primor com a folhagem colorida do seu frondoso arvoredo, com a frescura da sua gruta e a amenidade do seu lago — acorremos satisfeitos ao Hotel do Parque, uma joia que honraria muitas das chamadas cidades de progresso. Por um conjunto de circunstâncias — viagem estirada com diversidade de aspectos, mudança de ares, socêgo inalterável da região etc. — partilhavamos todos única e simplesmente desta opinião: apetite devorador.

Que o apetite é, em determinados casos, uma opinião. Ora, foi para desfazer esta opinião que a digna gerência daquêlê hotel nos recebeu numa luxuosa sala de jantar. Pelo ótimo serviço, de que fomos testemunhas, só temos a frisar a pouca verdade de certas asserções, tendentes a provar que o Gerez dá fome aos seus hóspedes. O contrário disto se evidenciou realmente. Abandonamos esta encantadora região com a mais grata das recordações. No nosso circuito estava incluído o mosteiro da Abadia. Fomos a Santa Maria de Bouro, caminhada de surpreendentes belezas naturais. Dali corremos á Abadia, lugar tristonho, e só. Voltamos

Nunes Loureiro

Está de luto o Partido Republicano Português.

Faleceu o Ex.º Sr. José Mendes Nunes Loureiro, que à causa Sagrada da República deu, desde a sua infância, tódo o esforço, tódo o carinho.

Nunes Loureiro, espirito lúcido, inteligência fulgurante, homem de relevante carácter, republicano de verdadeira fé, prestou ao seu partido os maiores serviços, dedicando-se por êle com inextinguível zêlo.

Nunca exitou um instante perante qualquer sacrificio em prol da República, que como ninguém soube prestigiar. Despido de ambições, soube, pelo seu grande valor individual, conquistado á custa de muito trabalho, de uma vida cheia de austeridade, elevar-se ao alto grau de consideração em que tódos justamente o tinham.

Era o tesoureiro do Directório do Partido Republicano Português, de que há muito vinha fazendo parte, salientando-se sempre pelo método e critério que punha na apreciação de tódas as questões que eram presentes a este alto corpo director.

Fez parte da primeira vereação republicana de Lisboa, foi deputado, presidente de comissões parochiais e da Comissão Municipal do seu partido e em tódos os cargos deixou gravada a sua passagem pelo brilho e zêlo com que se havia sempre.

Perde o Partido Republicano Português, perde a República, perde a Patria um devotado lutador.

Desfolhemos saúdades sobre o seu túmulo e que na nossa alma viva sempre no caminho do bem, da saúde, da justiça, a memória d'êste verdadeiro modelo de virtudes cívicas.

*

Ao directório do P. R. P. e «Rebate» foram enviados os seguintes telegramas:

«— Comissão Municipal Guimarães sentindo profundamente grande perda valioso correligionário envia pesames. —»

«— Centro Republicano Guimarães acompanha-vos na dôr perda muito dedicado correligionário Nunes Loureiro —»

Dr. Henrique de Oliveira e Sá

Felizmente encontra-se quasi restabelecido da doença que o atacou, o nosso presadissimo amigo e ilustrado professor do liceu, sr. dr. Henrique de Oliveira e Sá. «A Velha Guarda» apresenta ao republicano illustre os seus efusivos cumprimentos.

ao Bouro, airosa freguesia com um convento muito velho. Seguimos para Amares; e daqui para Braga.

Houve então uma demora de hora e meia, o bastante para nos refrigerarmos um pouco. Pelas 23 1/2 horas chegamos ao lugar da partida agradavelmente impressionados. O distinto professor, sr. Mario de Sousa Menezes, que muito nos honrou com a sua apreciavel companhia, ficou deveras satisfeito pelo êxito da excursão. E agora, cabe aqui um elogio ao nosso amigo sr. Bento Ferreira da Cunha que foi o principal organizador deste passeio escolar. Acompanhou-nos o sr. Aureliano Jacinto de Souza, com o fim de tirar algumas fotografias. Esta excursão teve duas virtudes distintas: recreou e instruiu.

Um excursionista.

Conhecem-no?

Vamos foca-lo.

Foi ajudante do Registo Civil em determinado pôsto onde cometeu imensas irregularidades, fugindo para Espanha com receio ao castigo das suas más acções. Foi pronunciado como vadio. E' o prototipo de refinado malandro; mentiroso, caluniador, intriguista e mau. A quando da monarquia do quartirão cometeu tropelias, exerceu vinganças contra criaturas pacificas e indefezas. Procura sempre arrastar pela lama a honestidade das pessoas de bem, daquêles que lhe fazem sombra, quando a sua vida é cheia de asquerosas mazélas: o conto do vigário aplicado ao brasileiro de Roças; o dinheiro surripado da carteira ao Zé do Ribeiro; a importancia recebida de uma pipa de vinho sem que a entregasse a seu dono e tantas outras falcatruas desta natureza definem claramente o seu caracter reles. Vilão de cara sem vergonha, todo se pavoncia, empoeirado, ao lado do patrão a quem compromete porque, como a lésma, deixa sempre rasto por onde passa. Covarde sem igual, armando em valente, ameaça de revolver em punho criaturas inofensivas, quando muitas vezes a sua cara estanhada tem servido de rodilha das mãos de qualquer garoto. Bebado incorrigível, mercadeja com os lôrps empregos por comensinas e copos de vinho; um desses já tódo se desfaz em lamurias por ter gasto 150.000 e continua... sem emprego.

Interprete e companheiro inseparavel do patrão, exerce sobre êle tal influencia que o obriga a praticar actos menos correctos, enquanto êle se ri e afirma que o outro não sabe nada. Com arroubos de inteligente é um desequilibrado, um imbecil. Rabiscador em cêrro semanário, a sua prosa estúpida é sempre um vadoiro de imundicie, deixando escorrer do bico da pena a bilis da sua corrompida consciência, perfeita montureira de lixo pestilento á espera de vassoura.

E é este tipo que com tanta desfaçatez prega moralidade!... Conhecem-no?

«Pelo dedo...»

...Se conhece o gigante», e é bem certo.

E, não fóra a crassa estupidez do menino que em pequeno nunca tomou chá, dariamos resposta condigna áquele que nos insulta acobertado pelo anonimato e que nos ameaça num arroubo quixotesco e paucado.

Desta vez não trouxe o envelope timbrado, mas sim um sem número de obscenidades, de torpezas e de infamias, que qualquer carrejão coraria ao ouvi-las e qualquer rameira renunciaria a dizê-las.

Como é covarde e sujo, cuspi-mos-lhe o nosso desprezo.

Dr. Alvaro de Castro

Regressou de Paris êste illustre homem de estado, que depois de tanto tempo ter procurado em vão alívio para a sua saúde, vem á Patria em busca do desejado lenitivo.

O II.º Sr. Dr. Alvaro de Castro, grande republicano e patrióta, que tem desempenhado os mais importantes cargos na governação do seu País, soube conquistar a simpatia de tódos os bons portugueses pela sua austeridade, pela rectidão de carácter, pelo critério, rigôr, justiça e talento com que sempre se evidenciou.

Apresentando ao talentoso estadista as nossas saúdações, fazemos votos sincêros pelo seu rápido e completo restabelecimento.

Direitos

Há uma certa classe de gente que se arroga do direito de ser privilegiada, isenta da critica de outrem, e por isso, a única com força bastante para esmagar e espesinhar os que lhe saiem ao encontro, peito a descoberto e a Verdade por arma de defêza. Snobe e incompetente, julga-se intangível e colocada nos pinca-ros mas elevados, esquecida de que há anões capazes de calcarem aos pés um Goliath, quando não passa além duma casta insolente que tem apetite, saciedade e repleção, quando a sua ordem social é um egoísmo satisfeito e o seu sentido um vicio imenso.

Prêga como frei Tomaz, assiste ao seu direito absoluto e renega a primeira virtude que é, no dizer de Hugo, o lembrarmo-nos dos outros.

Derriba de facto o direito. De aí o esplendor do seu burguezismo balofo, o desprezo da sua fidalguia sem linhagem e o entono, o orgulho e a soberba da liberdade a si próprios.

Porém, que patetas!... O característico do direito é uma coisa que se conservará «perpetuamente puro e belo» e de nada valem este amalgamar de ideia, esta luta originaria da nunca conhecida grandêza e esta intangibilidade de ruína...

«O direito é a justiça e a verdade».

E falando nós a verdade a um tempo que sejamos justos, adeus orgulho, soberba, repleção e fidalguia...

Ninguém nos demoverá do contrario.

Lutaremos sempre certos de que o direito a nós pertence.

O resto, é quebrar de linhagem, desgaste de cocheiro e torpeza de nulos.

Tenente Albano José da Cruz

De Angola, para onde havia sido deportado, regressou a esta cidade o nosso querido amigo e valoroso republicano, Tenente Albano José da Cruz, oficial que foi do extinto Batalhão de Metralhadoras N.º 2.

«A Velha Guarda» saúda-o calorosamente.

COMEMORAÇÃO DA BATALHA DE S. MAMEDE

Uma importante manifestação patriótica, junto da estátua do «Fundador».

Ontem, pelas 22 horas, promovida por um grupo de Vimaranenses e pela «Liga dos Antigos Scouts», ali, na Praça D. Afonso Henriques, teve lugar uma imponente manifestação patriótica junto da estátua do «Fundador» com o intuito de não deixar esquecer a data de 23 de junho, na qual, como mais provável, se deu a Batalha de S. Mamede, cujo VIII centenário se deveria ter comemorado com mais brilho.

O adiantado da hora não nos permitiu fazer a reportagem completa do que foi esta grande manifestação, reservando-nos contudo, desenvolvê-la no próximo numero.

Falecimento

Contando apenas 11 anos, faleceu na passada 2.ª-feira a menina Maria Julia Carneiro da Silva dileta filha do Ex.º Sr. Julião Carneiro da Silva, inteligente e zeloso chefe dos Correios e Telegrafos desta cidade.

Vitimou-a a meningite. Aos desolados pais, apresenta «A Velha Guarda», o protesto do seu pesar.